



Cinema

Ano 1º
Nº 25

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1.00

Na Capa: — Bernice Claire, principal intérprete do filme «Beija-me outra vez»

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00. Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e Imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

ALBERTO BARRADAS: — Você ai em Luanda tem um conveniente: está sempre atrasado perto de dois meses. Se estivesse aqui, já saberia que «Luzes da Cidade» já foi adquirido para Portugal e até exibido em Lisboa, Porto, Matosinhos, Parque Mayer... e outras cidades portuguesas. Também saberia que «Atlantida» já foi estreada. Quando receber este número, de-certo que já deve ter lido a critica do nosso director áquele recente filme de Pab.t. Sim senhor, Denis King está afastado do cinema... por emquanto. Eu também gosto muito do fisico da Jeanette Loff, mas não é possível publicar na capa uma fotografia dela. Está um pouco off da categoria para isso...

Creio bem que a Brigitte Helm mandará o retrato a quem lho pedir. Eu cá, nunca lhe escrevi, para não fazer desfeita à Lilian, nem à Kate de Nagy... Escreva à protagonista de «Atlantida» para Berlin-Dahlem, Im Winkel, 5, Allemagne.

O director agradece os selos, que você deve ter já enviado. Vamos a vêr se, com isso, consigo que êle me dê umas feriazitas... A propósito; é muito possível que durante os meses de Julho e Agosto só saia mais uma ou duas vezes a secção «Correspondência». E' que eu quero ir fazer marismo para St. Jean de Foz...

DUAS FLORES BRASILEIRA: — Eu aprecio-as tôdas, sem olhar ao estado... Simplesmente, falo mais nas solteiras do que nas casadas. E' que se os maridos de algumas destas últimas não se importam (o marido da Marlene, por exemplo, não se importa que eu mexa nas pernas da espôsa, em sentido figurado, é claro...); já com o da Anny Ondra não sucede o mesmo, pois o Karl Lamac é ciumento *pr'a burro*...

1.ª — Nem a Marlene é melhor artista que a Greta, nem a Greta é melhor que a Marlene. Antes pelo contrário... 2.ª — «Impressões de Sylvia Sidney»? Vocês fazem assim umas perguntas parecidas com as de «3 futuras estrélas»! Até era capaz de dizer que...

Não posso responder a perguntas tão vagas: «impressões de Fulana», «o que penso a respeito de Cicrana», etc. 3.ª — Gary Cooper é solteiríssimo. Até tem resistido à Lupe Velez. Um herói!... Mas agora, pergunto eu: qual é de vocês a que está apaixonada pelo Gary?

ANSILVA: — Eu não posso responder directamente. Dei a sua carta ao director, para que êle lhe faça o rascu-

Correspondência

inho para a carta em francês. Além disso, em francês, só sei 3 palavras: kate de nagy...

JOAQUIM FERREIRA LOPES: — Estou a vêr que, daqui a pouco, os correspondentes das Colónias, estão em maioria, e eu tenho que ir para mais perto deles. Já para aí se diz que o nosso futuro está nas Colónias...

Ai vai a direcção que deseja: Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm, Avenida da Liberdade, 141-1.º, Lisboa. Parece-me, no entanto, que não poderá subscrever, porque já está encerrada a subscrição. Sim senhor, o Leitão de Barro e um dos maiores da nova Empresa.

O director, assim que me deu a sua carta, disse-me para lhe perguntar se o meu amigo tinha facilidade em também lhe arranjar alguns selos das Colónias. Que mania esta, a de juntar selos velhos?!...

UM LOUCO POR KATE DE NAGY: — «Louco por Jean Harlow», «Doido por loiras», «Louco por Kate de Nagy»... Isto, de caminho, não é Secção de Correspondência, é uma filial do «Conde Ferreira»!...

Mas, apesar-de tudo, fez as perguntas como deve ser; assim, até dá gosto responder. 1.ª — Kate de Nagy é solteira. 2.ª — O seu último filme é «Um homem feliz»; 3.ª — «Um homem feliz» deve ser reexibido muito brevemente, talvez na próxima semana, no «Olimpia».

E *Auf Wieder Seh'n*, como me diz sempre o Director, em latim, quando se despede de mim...

TRÊS FUTURAS ESTRÉLAS: — Estou zangado com vocês! Não querem mandar-me o retrato, e eu, por vingança, também não digo quem sou. Escusam de supôr que eu e o director somos uma e a mesma pessoa. E já agora, «escamam-se as comadres, descobrem-se as verdades»: eu sei mais de vocês do que vocês de mim. Eu sou «Sherlock». Dentro do vosso pseudónimo, ocultam-se três correspondentes que ainda ha pouco me escreviam separadamente. E de uma delas, ainda recentemente saiu o retrato numa revista de «T. S. F.». Ora vêem, como «Eu Sei Tudo»? Não era melhor fazer-me a vontadinha?

Quanto à única pergunta que me fazem, devo responder que me parece

que a Greta Garbo andou, de facto, apaixonada pelo Ramon Novarro. Mas deixou-se disso, depois que descobriu nos escritórios da «M-G-M» um retrato meu, que ha tempos mandei para lá...

JÁ PODE?: — Não senhor, não queremos aqui correspondência trocada entre leitores. Não, não e não! Pronto! Já disse!

DOLLY-HAAS-FILO: — Não creio que aqui no Porto haja ante-primeiras exhibições dos filmes a produzir pela Companhia Portuguesa de Filmes. Quanto às acções já chegou tarde. Queira lêr a resposta a Joaquim Ferreira Lopes. Que tal acho a Dolly Haas? Ora essa! Haas... plendida!

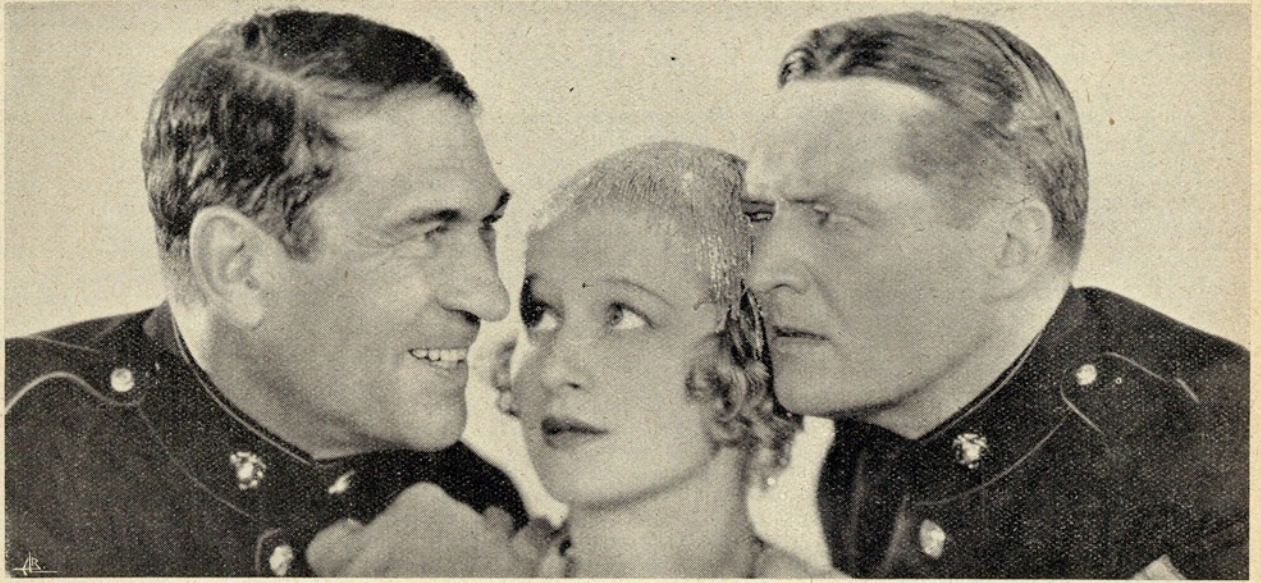
MARIALVA: — Entre a Dina Teixeira e a Beatriz Costa, prefiro a primeira. Porque é morena! *Isto é des-côr*, Marialva?

UM ATLETA QUE NÃO VAI A LOS ANGELES: — Também eu não, e vontadinha não me falta!

1.ª — Não, não fui a Coimbra. O director é que é um grande *cinéfilo* pelo futebol... Lá foi êle e mais a familia. Depois, diz que não pôde fazer as criticas dos filmes, porque esteve ausente... Durante dois dias não falou noutra coisa senão no empate por s-o ou 4-1, não me lembro bem!... 2.ª — Marion Davies, «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, Califórnia. 3.ª — O director tem postois da Sylvia Sidney e do Gary Cooper. Escreva-lhe directamente.

A TODOS: — A direcção ainda não decidiu se continuaria ou não publicando «Cinema» nos meses de Julho e Agosto. Eu preciso, porém, de descançar, e é natural que, mesmo que a revista continue a sair nos meses referidos, esta secção só apareça em mais um ou dois números. Está fazendo um calor dos diabos, e eu sinto necessidade de refrescar as ideias... com água salgada. De modo que, se não for para a praia de Ostende ou Swansee, fico mesmo na praia do Molhe ou do Carneiro... E de qualquer maneira, a «Correspondência» de «Cinema», só ganhará regularidade em Setembro. Talvez no próximo número já possa dizer qualquer coisa de positivo... se o «Porto» ganhar ao «Belenenses» ou se o Barradas mandar os selos, lá de Luanda. Isto é, se o Director andar satisfeito...

EU SEI TUDO.



Victor MacLaglen, Greta Nissen e Edmund Lowe, dos quatro principais intérpretes de «Mulheres de todas as nações», o magnífico filme da «Fox» que o «Trindade» apresentará ainda esta época. O quarto intérprete é nem mais nem menos do que o nosso conhecido cómico El Brendel.

O Cantinho dum Cinéfilo

A visita que os diversos elementos técnicos e artísticos da «Ufa» acabam de fazer a Lisboa, onde foram, *in loca-tion*, filmar algumas cenas para uma das suas novas películas, que tem muitas seqüências passadas na capital portuguesa, constituiu um exemplo muito frizante, muito benéfico para as nossas gentes de cinema, mal familiarizadas ainda com o que se chama em linguagem cheia de propriedade — or-ga-ni-za-ção.

A filmagem às 7 horas da manhã, a recusa de assistência a entretenimentos nocturnos, só porque tinham de começar a trabalhar cedo, no dia seguinte, o trabalho propositivo dos assistentes, que preparavam todo o serviço que os chefes deviam aproveitar pouco depois, sem perda de tempo, etc., etc., foram pormenores aparentemente insignificantes, mas, na realidade, de grande valia, que não devem ter deixado de impressionar, em Lisboa, os que pensam cooperar de alguma maneira na futura produção cinematográfica portuguesa, os que, pela primeira vez na sua vida, se levantaram às 6 da manhã, para assistirem ao trabalho dos homens da «Ufa»...

■ ■ ■

Contaram-me que no dia da chegada do paquete que conduziu a Lisboa a companhia alemã, o realizador Kurt Gerron, ainda a bordo, prometera uma entrevista a um jornalista cinematográfico lisboeta.

A' hora marcada, no *hall* do «Avenida Palace», o jornalista espera. Mas espera pouco, porque, daí a nada, Kurt Gerron aparece sorridente. O jornalista sorri também, e, querendo manifestar a Gerron que *se tornavam a ver*, estende-lhe a mão e exclama: «*Voilà! Au revoir!*»!...

Não sei com que cara ficou o Kurt Gerron! Só sei que

não mandou embora o jornalista, porque, afinal, sempre lhe concedeu a entrevista!

A-pesar-de tudo!...

■ ■ ■

Esta anedota e outras peripécias curiosas à volta dos exteriores portugueses de «Estupefacentes» veem fazer-me lembrar mais uma das grandes vantagens do facto de haver uma casa portuguesa produtora de filmes, vantagem que a muitos, de-certo, tem passado despercebida, mas que não deixa de ser de capital importância, pelo menos para nós, jornalistas, que encontramos nela uma fonte de assunto que brotará permanentemente, a facilitar grandemente a tarefa árdua do redactor cinematográfico...

As entrevistas, as visitas aos estúdios, as primeiras exhibições particulares, os projectos, os *tuyaux*, etc., é matéria inesgotável de todos os dias, de que o jornalista cinematográfico estrangeiro lança mão, mas que nós, aqui em Portugal, não conhecemos ou mal conhecemos ainda, porque nos tem faltado a matéria prima — que a Companhia Portuguesa de Filmes nos ha-de trazer, felizmente.

Lá fóra, é muito fácil fazer jornalismo cinematográfico!

Uma conversa com este realizador, uma discussão com aquele cenarista, um passeio com aquela actriz (isto é que apresenta, às vezes, materiais dificuldades...), etc., evitam que o jornalista quebre a cabeça à procura de assunto para o seu jornal ou sua revista. Na América, então, até os artigos já chegam às redacções, escritos pelas casas produtoras, com as matrizes para as estereotipias e tudo!...

Se não houvesse outros motivos, palavra que, só por isso, eu havia de aplaudir a mãos ambas a constituição da Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros!...

Se ela se lembrar devidamente da imprensa cinematográfica portuguesa, como é de supôr!...

Jack Oakie é um rapaz alegre, cheio de bom humor e de ilusões

Jack Oakie é o rapaz mais travesso de Hollywood. Não existe sobre isso a menor dúvida. E para que as suas admiradoras não me arranquem os olhos por fazer tal afirmação, vou explicar o que pretendo dizer com a palavra «travesso».

A «Paramount» firmou com êle um contrato estupendo, quando era completamente desconhecido no mundo cinematográfico, e pouco depois elevou-o a «estrela». Tudo se apresentava cor de rosa quando Jack, reparando no sucesso de bilheteria que alcançavam os seus filmes, pediu um aumento considerável de soldo. A «Paramount» não lho concedeu e Jack abandonou o estúdio sem proferir palavra. A Companhia nada fez para o retêr, e êle, desconcertado, partiu para New York sem se importar com o prejuízo que causava à «Paramount», a qual estava a dar as últimas voltas de manivela a um filme de que êle era o protagonista. Não durou muito tempo o seu devaneio. Com o contrato com a «Paramount» por cumprir, Jack não podia aceitar as propostas teatrais que lhe eram feitas. E para evitar um pleito sério com a «Paramount», regressou a Hollywood, disposto a resignar-se com a sua sorte. Esperava-o uma desilusão. A Companhia, ressentida do seu gesto, apeava-o do pedestal em que o colocara e lançava-o de novo para as fileiras dos pequenos intérpretes.

Jack protestou em vão. A's suas reclamações a «Paramount» respondia apenas: «Contratamo-lo quando ninguém sabia da sua existência e o contrato foi firmado com grande satisfação da sua parte. Aceitou o soldo que lhe oferecíamos e não desconhecia as clausulas habituais que exigem o cumprimento integral do estabelecido até expirar o prazo fixado. Gastamos sômas importantes em publicidade para que o seu nome se tornasse popular. Era arriscado, mas fizemo-lo. Não negamos que tem talento e que teria conquistado reputação em qualquer outra parte se o tivesse tentado, mas também podia dar-se o caso de não se lhe proporcionar oportunidade. Firmou o contrato por sua livre vontade e pelo que nos respeita estamos dispostos a cumprir os compromissos tomados até ao fim.»

Jack Oakie também alegava razões que justificavam o seu procedimento: «Firmei o contrato com um soldo que estava em perfeita relação com a pouca fama que então tinha, e se o aceitei foi porque naquele momento o meu trabalho e o meu nome não valiam mais. Depois subi à categoria de «estrela» e êsse mesmo nome que nada valia transformou-se subitamente num manancial inesgotável de dinheiro para o estúdio, sem que eu tenha obtido nenhuma recompensa material pela minha popularidade. Creio que sendo «estrela» me deveriam conceder o soldo correspondente.»

Mas como a casa produtora não cedeu, Jack teve de conformar-se.

A primeira fita em que toma parte após a sua fuga para New York in-

titular-se «Dancers in the Dark». A sua parceira é Miriam Hopkins. O papel de Oakie diverge muito de tudo o que tem feito até à data. Até agora sempre o temos admirado em papéis cómicos. Desta vez, porém, poderemos apreciá-lo em «qualquer coisa de sério», embora lhe não agrade muito deixar de rir. Mas como parece que a «Paramount» só pretende assustá-lo, é provável que não tardemos a vê-lo novamente em assuntos cómicos, cheios de humor e otimismo.

Jack é generoso e amável com as pessoas que pôde ajudar ou favorecer. Embora um pouco cabeça no ar e irreflectido, poucas pessoas se queixam d'êle, porque com o seu bom humor e o seu otimismo é capaz de converter a lua em sol.

Por vezes torna-se um pouco fastidioso. Os seus modos são exquísitos e

do que significa a palavra «cautela» e é tam despreocupado que esteve durante muito tempo a pagar uma percentagem de dez por cento sobre o seu salário semanal a três agentes diversos. E só quando a mãe chamou a sua atenção para êste particular é que se apercebeu de que estava a perder estupidamente vinte por cento do seu soldo.

Engana-se com frequência, mas a sua alma alegre, cheia de bom humor e de ilusões, resgata todas as suas faltas. A única receita para sêr feliz que sabe articular é «diverte-te o mais que puderes». Jack ri-se de todos e d'êle próprio. Mais ainda. Tem uma necessidade imperiosa de rir. Deseja fazer uma viagem à Europa e não vê inconveniente em declarar que lhe inspira mais interesse o Ritz Bar do que o museu do Louvre.

Desde que regressou de New York, afirma reconhecer a disciplina em que o envolvem, mas espiritualmente continua tam indisciplinado como dantes. Pese a quem pesar, Jack continuará sendo meio aloucado e nada nem ninguém consegu-



Jack Oakie, (O Carvalhinho) de quem já vimos vários filmes sonoros, entre êles «O Paraíso Flutuante». Ei-lo em companhia de Polly Walker.

as suas chalaças impertinentes, mas nem por isso deixa de sêr simpático.

É carinhoso e meigo. Quere falar com toda a gente sem procurar averiguar quem são as pessoas às quais se dirige. Não tem inconveniente em chamar «amigo» ao primeiro que aparece e confia sem acanhamento os seus desgostos às pessoas que o rodeiam. Em troca, ouve com complacência o relato dos sabores dos outros e oferece abundantes conselhos, nem sempre muito convenientes para aqueles que devem pô-los em prática.

Jack é violento e não sabe reflectir a tempo. E como a palavra «hipocrisia» só existe para êle no dicionário não ha maneira de o enduzir a ser diplomata, nem mesmo em beneficio próprio.

Os conselhos despropositados que por vezes dá aos outros são filhos do seu temperamento impulsivo. Não faz idéa

rá fazê-lo mudar. Assim nasceu e assim ha de morrer.

Mas quando os que o rodeiam pensam que Jack é incorrigível, basta que sua mãe apareça para que todos fiquem de boca aberta ante a enorme transição que se opera nele. Jack adora-a e, a-pesar-de sêr um homem, tem por ela a mesma admiração e o mesmo carinho que sentem por suas mãis as crianças de berço.

«Minha mãe, — diz — é a mulher mais maravilhosa do mundo. Quando lhe compro qualquer lembrança, embora intimamente fique encantada por eu me não esquecer dela, mostra-me sempre o seu desgosto por me vêr fazer despesas que invariavelmente classifica de «desnecessárias». Alegra-me infinitamente que Hollywood seja do seu agrado e que haja encontrado boas amigas na mãe de Je-

Heróis para todos os gostos

Voltarão a entrar em moda os heróis bem parecidos? Actualmente, quatro belos rapazes, recém chegados ao «écran», estão demonstrando que um rosto belo e um corpo bem proporcionado, teem as suas vantagens ante a câmara. Durante os últimos tempos, o herói cinematográfico havia-se descuidado tanto, que mais do que um herói parecia o primeiro prêmio de um concurso de «felos».

Mas, ao que parece, o realismo cede mais uma vez o lugar ao romantismo. Será está reacção motivada pelo facto de nos termos cansado de contemplar rostos enrugados e endurecidos de homens de valor, mas pouco agradáveis à vista? Não sei. O certo é, porém, que a reacção está a produzir-se.

Reparemos no grupo formado por Clark Gable, Joel McCrea, David Manners e Charles Starrett, que de um momento para o outro, por assim dizer, se collocaram na primeira linha. No curto espaço de um ano, emergiram da obscuridade e tomaram lugar preponderante na lista de favoritos de quasi todas as

lhes reservados e os directores fazem tudo o que podem para os ajudarem a vencer os obstáculos que se lhes apresentam.

Mas, a-pesar-de tanta generosidade, será longo o seu triunfo?

Muitos outros, com princípios tam auspiciosos como estes, brilharam por alguns momentos para logo se abismarem no mais completo esquecimento. Por isso pergunto: Serão estes quatro rapazes chamados momentâneas ou fogos bem alimentados, à prova das correntes da opinião pública? Conseguirão demonstrar-nos que possuem o talento bastante para lhes assegurar o interesse das plateias?

Como Clark Gable é o que mais próximo se encontra de obter o grau de «estrêla», fui procurá-lo em primeiro lugar, mas nada consegui saber dele. No estúdio da «Metro» disseram-me que a «minha primeira vítima» estava dema-

Nenhum dos quatro rapazes citados é novo na carreira artística. Clark começou ha dez anos atrás, deixando a sua casa para seguir uma companhia em «tour-née». Tinha então vinte e um annos.

Possuía um fisico maravilhoso. Medía um metro e oitenta e cinco centímetros de altura e pesava noventa e quatro quilos. Mas, antes de converter-se no fascinante galã de hoje, teve de alinhar a dentadura, teve de acostumar as orelhas, demasiado proeminentes, a conservarem-se encostadas à cabeça, e experimentou a maquilhagem segundo os diferentes angulos da câmara.

Clark vive modestamente, num bairro sossegado de Hollywood. A senhora Gable é bastante mais velha do que elle, mas não se sabe ao certo se é a sua segunda ou terceira esposa. Ele diz que é a segunda, mas ha quem afirme que é a terceira. Seria interessante estudar os efeitos que a adulação das mulheres ha-de causar na sua pessoa.

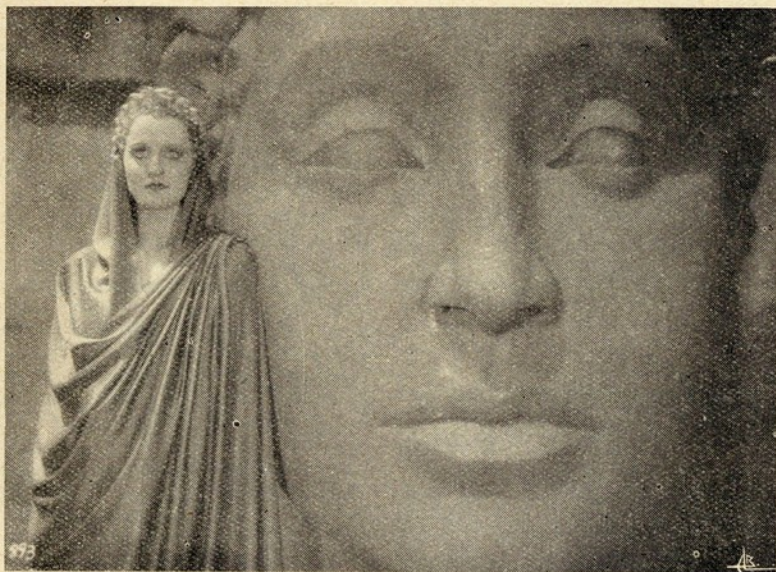
Joel MacCrea, a esperança máxima do estúdio «RKO», está sumamente entusiasmado com a sua carreira. Joel é ainda mais alto do que Gable e tem fama de ser sumamente galante com as damas. O que a gente se olvida de dizer quando fala do seu agradável fisico é que possui um talento privilegiado. A «RKO» quis eleva-lo à categoria de «estrêla» em princípios do presente ano, mas elle recusou-se porque não se sentia absolutamente seguro de si e não queria sêr uma «estrêla relampago». Tem, alem disso, uma forte dose de bom senso, economizando semanalmente setenta e cinco por cento do seu soldo «para qualquer eventualidade».

David Manners é «uma beleza de rapaz». As mulheres não podem resistir à atracção que dele dimana. Parece um herói de illustração de revista. Mede um metro e oitenta e dois centímetros de altura, e o seu peso oscila entre oitenta a oitenta e cinco quilos. Possui cabelos castanhos escuros e olhos verdes. Mas todas as qualidades fisicas pouco valem ao lado do seu natural bom humor e proverbial modestia.

A vida campestre entusiasma-o a tal ponto, que sempre que tem um momento livre marcha para o campo, vestindo para isso o mais velho dos seus trajes. E' um cavaleiro infatigável e hábil. Antes de vir para Hollywood, tinha trabalhado com êxito durante vários annos em Broadway, vendo-se obrigado a fugir no fim de cada espectáculo, a-fim de evitar a perseguição das mulheres.

Charles Starret, o favorito da «Paramount», ha cinco annos que está casado e é o orgulhoso pai de dois gêmeos de dois annos. Ao contrário do que em geral fazem muitos dos «astros» famosos, Charles não vê inconveniente em falar com frequencia dos seus filhinhos e de sua mulher, pela qual se confessa tam enamorado como no dia do casamento, embora já tenham decorrido cinco annos.

Charles recorda-me Frederic March. Mas é mais corpulento e melhor parecido. Na sua primeira película teve como parceira a formosa Billie Dove, e actualmente está interpretando os papeis



Brigitte Helm, a Antinéa de «Atlantida», a nova produção de Pabst para a «Nero», que a Agência H. da Costa distribui.

(Fóto Nero-Film).

meninas que sentem atracção pelo cinema e seus heróis. Não são uns dandis. Os seus modos e atitudes não recordam a velha Inglaterra. Mas, em troca, teem personalidade, ponderação e virilidade. São, emfim, o prototipo do herói cinematográfico do momento que passa. São, em poucas palavras, a resposta exacta aos desejos de Miss 1932, que pretende que o homem amado seja forte, mas civilizado. Todos são cavalheiros e expoentes da genuina atracção fisica, cem por cento masculina. Todos podem amar e sofrer, mas tambem podem socar o «vilão» no momento oportuno.

Fazem-se planos de os elevar à categoria de «estrêlas». Cada um deles é, no momento actual, a figura de maior destaque do seu estúdio — Gable na «Metro-Goldwyn-Mayer», MacCrea na «RKO», Manners na «Warner» e Starret na «Paramount» —. Os melhores papeis são-

slado occupada para me poder receber naquele momento: Quando me retirava para ver se a sorte me permitia falar uns momentos com Joel MacCrea tropecei com o nosso antigo conhecido Nils Asther, que acabava de se caracterizar para levar a cabo uma cena de amor com Joan Crawford em «Letty Linton. Ao vê-lo, alegre e otimista, não pude deixar de recordar o seu rápido acesso no tempo do cinema mudo, muito parecido ao de Gable. Se John Gilbert era então o rei indiscutível do cinema americano, Nils Aster apparecia no lugar de príncipe. Mas a chegada do sonoro não só o afastou da almejada corôa, como o eclipsou totalmente, porque o seu marcado acento sueco era desagradável aos americanos. Quem sabe se Gable não deparará tambem com um contratempo que o apeje subitamente do lugar que occupa?

Estrelas malditas

por MAX SALEICHE

Se quisermos considerar Viena como a capital da opereta, Paris como a rainha dos prazeres e Berlim como o asilo da originalidade, outro nome de cidade acode aos lábios, mais leve ainda, mais luminoso: Hollywood, cidade-paraiso.

Dirão: «Nem tudo que brilha é ouro, e o *pateo* é tam sombrio, como o *jardim* é resplandecente.» Mas como despoovar a memória das maravilhosas lendas saídas dum novo palácio das mil e uma noites?

Hollywood? Um sopro de alegria e de felicidade desconhecida... Aparecem rostos suavemente deformados, rostos puros, divinamente belos... De todos os lados, lindas raparigas de pernas perfectas e olhos de veludo, Lovelace aventureiros e cavalheirescos...

Paraiso artificial em que triunfa a ilusão, essa forma de felicidade que desconhece a serenidade e a satisfação.

E depois, subitamente, o doirado desfaz-se e Hollywood revela-se, verdadeira, com o seu rebanho de miseráveis em cata das quimeras, abismo em que se acumulam as mais insensatas esperanças.

E também as suas dores, tanto mais agudas quanto é certo que afectam seres que parecem destinados a uma felicidade sem limites.

Recordemo-nos... Barbara La Marr; tinha-se dito dela que era «muito linda», linda de mais, com efeito, para fruir dessa beleza que provocou a sua perda; e Alma Rubens, fragil e delicada como uma flor que a morte arrebatou ferida em seu corpo e em sua alma; e não devemos esquecer Martha Mansfield, «vedeta» da primeira versão do «Dr. Jekyll e M. Hyde», arrebatada aos seus admiradores quando ainda não tinha vinte anos...

— Uma «vedeta», dir-me-ão, não pode deixar de ser feliz!

Mas conhecem a história de Clara Windsor? O que lhe destruiu a beleza foram dois casamentos extremamente infelizes e uma carreira indiferente, hoje no seu termo. E talvez se não tenham esquecido de que há doze anos se envenenou em Paris a esposa de Jack Pickford, Oliva Thomas, mais conhecida com o título de «a mais linda mulher do mundo.» Tinha vinte e três anos.

E Sally O'Neill, que fez ainda a «Batalha dos Sexos» e «A Revista das Revistas»? Em 1925, era a «vedeta» de «Sally, Irene e Mary», destacando-se muito das suas parceiras, Joan Crawford

e Constance Bennett. Depois, caiu em desgraça: uma lamentável aventura sentimental, a perda da sua fortuna, uma desastrosa história sucedida a seu irmão; durante dois anos, esteve afastada dos estúdios, que vale hoje o seu nome? Mais perto de nós, aí temos Clara Bow, cuja «estrêla» foi tam brilhante que ainda

Mary Astor, a quem o luto da viuvez apagou a sua carreira de «estrêla»



Mary Nolan, a «vedeta» decadente que tentou suicidar-se recentemente por causa das suas dividas.

ha esperança de a ver luzir de novo; no entanto, que queda a sua! A «flaper» mais trepidante, mais invejada de Hollywood, foi banida dum dia para o outro, posta à margem, porque tivera a funesta idéa de acreditar que a vida podia ser uma aventura alegre; dissabores amorosos, processos sem grandeza, trações de

amigos, chantagem, nada faltou... Re-compensas, sem dúvida, de por tam longo tempo haver desperdiçado o seu encanto vivificante!

São menos conhecidas as desventuras de Billie Dove que, por ocasião do do seu divórcio com o realizador Irwin Willat, revelou qual tinha sido o seu martírio: o marido ciumento nunca deixara de lhe bater... E, soluçando, Billie, aos vinte e seis anos, estava-se em 1928, descobre que os seus cabelos começavam a branquear!

Correu logo o boato de que ela ia tentar refazer a sua felicidade com o milionário Howard Hughes. Mas Howard era volúvel. Encontraram-no em bela companhia... Adeus, belo sonho de Billie! Devemos crer em que a sorte não gosta dela.

E Billie, «The American Beauty», havia herdado esse título doutra artista que teve a sua hora de celebridade, Katherine MacDonald, cujas desventuras conjugais tinham sido também das mais dolorosas.

Mary Astor foi rudemente experimentada pela morte do marido, que adorava, apenas dois anos depois do casamento; Kenneth Hawk, como se sabe, morreu dum acidente de avião quando dirigia um filme aéreo. A sua dor foi extrema e aniquilou-lhe a existência.

Não insistiremos na vida agitada de Charlie Chaplin, Buster Keaton e Fatty; existências paradoxais e lastimáveis.

Mas ha uma nova aventura que acaba de ferir severamente uma artista de beleza deslumbradora, de talento variado: Mary Nolan. Curiosa existência a dela! Foi Imogene Robertson, oifazinha de catorze anos, depois Imogene Wilson, «girl» sem dinheiro. Trabalhou na Inglaterra, mas o seu contrato foi rescindido: partiu para Berlim, depois para Hollywood e ali entrou no caminho das «estrêlas».

Uma trágica aventura amorosa prejudicou a; a falência da casa de costura que havia criado e uma curiosa história de estupeficientes, em que, rão obstante, conseguiu demonstrar a sua inteira inocência, acabaram de a desgraçar.

Mary, hoje, é uma «estrêla» apagada...

Exemplos tomados ao acaso, entre mil. A desgraça não poupa esse mundo de que nós conhecemos um único lugar: o cinema. Trágica situação a da «vedeta» ferida pela sorte, quando vai a caminho da glória, tendo percorrido já brilhantemente as mais rudes etapas.

A beleza tem a sua história... Os seus infortúnios são os mais ásperos e raras vezes perdoam.

VÁ NO PROXIMO SABADO À NOITE AO «BATALHA, COM A SENHA DESTES NUMERO, E PAGARÁ SÓ METADE DO PREÇO

ALLAN ROBERTS.

Dois ex-campeões e um campeão de box; três astros fugazes do cinema

Dizla não ha muito o celebre ex-boxeur Carpentier, num artigo de sua autoria publicado no «La Nacion» de Buenos Aires, que se um pugilista consegue manter-se durante dez anos em actividade, pode gabar-se de ter cumprido toda a vida o trabalho de um homem vulgar. E que, não obstante, a recompensa de tal esforço é muito pequena.

Estou perfeitamente de acordo com a sua opinião. Na maioria dos casos, a velhice dos pugilistas é uma tragédia. Poderia citar alguns exemplos em auxilio da minha opinião. Acho, porem, desnecessario faze-lo. Basta folhear as revistas e jornais, tanto desportivos como cinematograficos, que nos chegam do outro lado do Atlantico, para nos apercebermos de que são inumeráveis os pugilistas fracassados. Muitos deles conseguiram destacar-se no cinema, mas a grande maioria forma parte da grande massa anonima dos extras, esses resíduos da arte ou da humanidade que aparecem nas peluculas de grande espectáculo. Pode assegurar-se que em qualquer cidade dos Estados Unidos, pequena ou grande, teve o seu berço algum boxeur, sendo ali precisamente onde poderia colher-se a lição mais triste, mas mais fortemente humana que nos póde preparar a vida.

Não admira portanto que muitos «boxeurs», já no declive da sua celebridade, hajam irrompido pelos dominios da sétima arte, ansiosos de voltarem a conquistar fama e de abrirem um novo caminho para o futuro. Entre os que lograram alcançar renome como artistas do celuloide, figuram os nomes de George O'Brien, Victor MacLaglen, Ivan Linow, Karl Dane, o falecido Louis Wolheim e outros. Mas, posteriormente, ou mais recentemente se assim o preferem, destacam-se Georges Carpentier, Jack Dempsey e Schmeling.

Georges Carpentier entregou-se á aventura do cinema, mais por amor proprio do que por vocação. Quando o antigo campeão da Europa viu que a sua ciencia de bom lutador se tornava impotente, que toda a grande popularidade alcançada no ring se vinha abaixo, pensou que a maneira mais comoda e rapida de voltar a conseguir fama e dinheiro era dedicar-se a fazer peluculas.

A sua primeira pelucula foi impressionada em Los Angeles ha uns nove anos, rodando-se mais tarde outra que teve como titulo «O Homem Maravilhoso». Mas onde se revelou como um artista profissional foi na «Sinfonia Patética», sua ultima produção, feita em 1929. De então para cá as suas actividades teem sido outras, porquanto o nome do famoso «boxeur» francês apareceu em letras luminosas nas fachadas de quasi todos os «cabarets» e «Music Halls» do mundo. No tumultuoso Broadway de New York, onde mais tem actuado, goza de grande prestigio como canceonista.

Disse-se, a quando da estreia do seu ultimo filme, que Georges Carpentier voltaria ao «Box». Mas esta noticia foi desmentida pelo proprio ex-campeão, que assegurou que não voltaria a calçar as luvas de combate porque lhe agradava mais ser artista do cinema do que «boxeur». Porem agora, parece desdizer-se lamentavelmente. A «Prensa», de Nova York, publica uma fotografia de Carpentier com a seguinte legenda: «Irene Bordoni e Georges Carpentier, o famoso pu-

gilista francês, que vai tentar brevemente o seu regresso ao «ring», iniciando a sua campanha na Europa com dois ou três encontros de pequena importancia».

No mesmo jogo de alta e baixa anda Jack Dempsey. É popular ou impopular segundo os dolares ou os amigos, conforme as noticias mais ou menos encomendadas aos jornais.

Qualquer coisa de semelhante ao que sucedeu e Georges Carpentier, ocorreu ao ex-campeão do mundo de todas as categorias, que foi um dos pugilistas que durante o seu reinado gozou de maior e mais indiscutivel prestigio. Carpentier e Firpo cairam aos seus pés, e Williard perdeu nas suas mãos o campeonato. Mas uma prolongada inactividade minou as suas faculdades e o imenso «Yankee Stadium» presenciou a sua derrota ante as furiosas acometidas de Tuney. Uma parte da culpa daquele fracasso coube á artista do cinema Estelle Taylor, que havia conquistado o pugilista, tornando-se mais tarde sua esposa.

Depois de casado, Dempsey tentou por varias vezes reconquistar o perdido e obteve outros tantos fracassos. Pouco a pouco o animo do ex-campeão foi-se debilitando. E o homem que fizera tremor os maiores colossos do mundo, passou a obedecer submissamente á esposa e a aceder a todos os seus caprichos.

Após a sua viagem de nupcias pela Europa, os dois esposos regressaram á America. Pareciam mais enamorados do que nunca. Todos que os conheciam diziam que constituíam um dos mais felizes casais do mundo. Tiveram ligeiros desacordos. Mas tanto Dempsey como Estelle procuravam imediatamente restabelecer a harmonia. E neste caminho de obediencia, ou antes de mutua submissão, Dempsey começou por submeter-se á cirurgia estetica. Arranjado o seu nariz e aformoseado o rosto, terminou por fazer peluculas ao lado de Estelle Taylor.

O trabalho realizado por Dempsey como actor do cinema não é absolutamente destituído de merito. Mas está longe de se assemelhar ao que realizou Georges Carpentier. De-pressa se causou, porem, da vida dos estudos, e ao retirar-se do «ecran» fez com que sua esposa procedesse do mesmo modo. Estelle cedeu cegamente, sem levantar o minimo protesto contra a decisão de seu marido.

Passou o tempo. Quando maior parecia a felicidade do casal, surgiu o inesperado, que veio escangalhar todas as illusões que se haviam albergado na cabecinha da «estrela». Dempsey haver-se-lhe aborrecido da esposa, ou estava no firme proposito de voltar ao «box»? Fosse qual fosse o verdadeiro motivo que ditou a sua conduta, o certo é que o ex-campeão de todas as categorias, após cinco anos de matrimonio, decidiu trasladar-se de Los Angeles para Reno, essa cidade que é conhecida como o paraíso dos divorciados, para apresentar o seu pedido de divorcio. Como é natural, a sua determinação deu muito que falar em Los Angeles, sendo tambem enormes os comentarios que em volta dela se fizeram nos centros do «box» em New York. Mas quem maior surpresa experi-

mentou foi a esposa. Não conseguia compreender o porquê daquela decisão de seu marido, visto que nunca haviam tido questões serias e poucas vezes se tinham encontrado separados um do outro. Alem disso fóra éle que a levava a abandonar a sua carreira justamente quando poderla ter ganho uma fortuna.

Não obstante dizer-se que Dempsey procedia no desejo de voltar ao «ring», Estelle Taylor pode averiguar que tal versão carecia de exactidão e que seu marido andava envolvido numa aventura amorosa. Dempsey havia-se enamorado de uma encantadora rapariga chamada Maria de Jesus Olguin, com quem passou alguns bocados felizes. Era ela uma das artistas que compunham a «troupe» das «Meninas Toureiras», procedente do Mexico, que havia actuado em Los Angeles por espaço de pouco tempo. Apesar disso, Dempsey levou a sua por diante e Estelle Taylor teve de aceitar o divorcio. Separaram-se duas existencias durante varios anos reunidas. De Maria Olguin nada mais se soube. Quanto a Estelle, voltou á sua carreira antiga, á vida do cinema. E Dempsey parece ter-se decidido a abraçar novamente o «box», pois acaba de confessar que a sua mais querida aspiração é recuperar o titulo perdido.

Resta Max Schmeling campeão mundial de todas as categorias. Sobre este pouco pode dizer-se quanto á sua actualção no cinema. A sua vida no «ecran» foi curta. Fez apenas uma pelucula.

Max Schmeling fez a sua entrada no mundo do cinema porque precisaram dele. Carecia dos seus serviços uma empresa produtora de filmes, que tinha o proposito de editar um intitulado «O Amor no Ring», essa pelucula que ha tempos vimos e em que nos foi apresentado o «Camarão». Como a pelucula ia ser editada na Alemanha e o papel do protagonista devia ser interpretado por um «boxeur», ninguém melhor do que ele, alemão autentico e figura prestigiosa do «box», poderia desempenha-lo. A «estrela» russa Olga Tschekowa foi sua «partenaire». Max Schmeling, contra o que a principio julgaram os seus directores, demonstrou qualidades como actor. Triunfou não só pelas suas condições de atleta, mas tambem pelo seu valor natural de homem.

O campeão alemão, ao fracassar no «box», pode talvez fazer carreira pelo cinema. Pelo menos apresenta melhores condições para isso do que as que apresentou Dempsey, e uma vez acostumado ao «set», poderá alcançar tanta popularidade como qualquer outro artista. Mas a sua vida de «estrela» foi efemera. A sua primeira aparição no campo da cinematografia proporcionou-lhe uns milhares de escudos, sem que para isso tivesse de expor grandemente o fisico. Alem disso viveu o encanto da falsa realidade do cinema, experimentando o prazer de ver reflectida a sua imagem no «ecran», embora um pouco desfigurada, ou antes deslocada, mas conservando sempre qualquer coisa do que é privativo na vida real deste moderno intelectual do musical.

“Grande Hotel” o filme das estrelas

por
GENOVA

A realização de «Grande Hotel» quasi provocou uma revolução em Hollywood. Foi realmente uma temeridade reunir na mesma distribuição cinco «estrelas»: Greta Garbo e Joan Crawford do lado feminino, os dois Barrymore e Wallace Beery do lado dos homens.

As dificuldades surgiram logo de início: Garbo, Crawford e Beery recusaram-se a trabalhar juntos.

— Não quero, — declara Beery —. Sou uma vedeta da categoria da Garbo e vai ser ela quem monopolizará toda a glória.

A própria Greta Garbo recusava-se a desempenhar o papel da bailarina Grusinskaja por muitas razões. A primeira era que, no romance, essa bailarina é uma mulher em declínio, e Greta não queria arriscar a sua reputação nessa perigosa aventura. Via em imaginação Joan personificando a provocadora e jovem estenógrafa, roubando-lhe todas as cenas de sedução. E além disso recusa também a comparação do seu desempenho um tanto monocródio com o saber e a experiência de homens de teatro como os Barrymore.

E, coisa estranha, John Barrymore, que no filme ia ser o amante da Garbo, nunca se encontrara com ela antes. Nunca vira mesmo nenhum dos seus filmes falados e apenas se recordava dela nas primeiras películas mudas. Também não conhecia Wallace Beery.

E' difícil de conceber que artistas que vivem na mesma cidade e trabalham ha anos para a mesma companhia se não conheçam. Mas a verdade é que nem Joan Crawford nem Wallace Beery se tinham encontrado com a Garbo.

A «M.G.M.» escolheu Eddie Goulding para dirigir o filme, provavelmente por saber que só elle possuía a autoridade necessária para se impor e tornar obedecido. E o mais curioso do caso é que, á primeira volta da manivela da câmara, todos os dissentimentos se apagaram e cada um dos artistas procurou apenas concentrar todas as suas faculdades, para que o seu trabalho pudesse eclipsar o dos camaradas.

Esta competição era uma prova temerosa, porque podia, em consequência duma performance medíocre, repercutir-se profundamente na carreira de cada um dos interessados. Garbo que, antes de «Mata-Hari», jamais consentira em repetir uma cena sem a filmar, mostrou-se a docilidade em pessoa e fez tudo que o seu parceiro desejava. O resultado ultrapassou todas as esperanças de Goulding, e as cenas de amor entre John Barrymore e Garbo raras vezes foram igualladas em intensidade. Devo acrescentar que Barrymore se tornou um admirador sincero da bela sueca.

Como tinha ultrapassado os cincoenta, tratava-se para elle de provar victoriosamente que podia ainda personificar os heróis românticos, os quais tinha sempre incarnado com domínio incomparavel.

Joan Crawford não deixava também de ter apreensões da temível vizinhança e da divina Garbo, e receava ainda a proximidade de Lionel Barrymore, o actor subtil, sendo certo que até ali apenas havia tido como parceiros jovens actores: Johny Mack Brown, Robert Montgomery, Clark Gable, etc. Mas após alguns dias de trabalho em comum a cortesia de Barrymore conquistou-a.

— E' o actor mais maravilhoso com quem me tem sido dado trabalhar, — disse ela com entusiasmo —. Não obstante, senti-me tam perturbada a principio, que cheguei a esquecer-me completamente do meu papel!

Quanto a Wallace Beery, ao qual o ingrato papel de Preysing, o autocrata, prejudicava grandemente, oferecendo limitadas possibilidades ao seu talento, encontrou o meio de burilar uma silhueta inolvidavel desse personagem antipático.

Quando terminou a cena em que elle mata Barrymore, o barão gatuno, qual não foi o seu espanto ao ver John voltar-se para elle e dizer-lhe diante de toda a gente:

— Beery, não estou acostumado a consentir que qualquer actor me arrebathe uma cena; mas esta pertence-lhe sem contestação. O senhor é o melhor actor que eu tenho visto!

Afirma-se que Beery está ainda impressionado com esse cumprimento inesperado, que lhe foi direito ao coração.

Lionel Barrymore, que desempenha o papel de Kringlein, realizou uma composição admiravel de realismo, uma composição que ha-de marcar na sua carreira. No entanto, pertence ao número desses artistas probos que nunca estão satisfeitos com o seu trabalho e declara que, se o público não gostar dele no «Grande Hotel», não voltará a aparecer no ecran. Prefere dirigir filmes a trabalhar neles.

(Continua na página 15).

Uma lição magistral aplicada a um “vagabundo”

por
CLAUDE DORÉ

André Luguet regressa à França

Charlie Chaplin é, sem duvida, um artista de grande talento. Ninguém lho contesta. Mas convenceu-se de que, atravessando o mundo no seu papel de «vagabundo» de génio, devia lançar ao desprezo o resto da humanidade.

Ha pouco ainda, fez pela Europa uma viagem triunfal, sendo recebido em toda e parte como um antigo conquistador, mas tratando com a maior sem-cerimónia todos aqueles que lhe rendiam homenagens.

Não lhe aconteceu o mesmo no Japão, onde os calculos lhe saíram errados. O grande homem, que esperava, como Cesar, chegar, ver e vencer, teve de fazer as malas á pressa e retirar-se para a America. O jornalista francês Jean Vignaud escreve o seguinte a este respeito:

«Terminou assim, mais cedo de que elle o desejarla, a

a justiça de Londres; soube-se, com efeito, um belo dia, não sem espanto, que Charlot fizera esperar o lord-malor e até o primeiro ministro, recebendo do juiz, por causa disso, uma severa lição de delicadeza. Isso não impediu Charlot de manifestar a mesma educação, nativa ou propositada — é coisa que nunca se sabe com este homem que é, aliás, um grande artista — em todos os países que tem honrado com a sua presença.

Em França, apenas tomou parte nas caçadas do duque de Westminster, e o vagabundo, de sapatos cambados, quis fazer-se fotografar a cavalo, em traje de caça aos galgos, o que provocou gargalhadas. E foi tudo. Entre nós limitaram-se a rir. Mas os japoneses, que não são cétricos, e tomam tudo a serio, mormente a delicadeza, manifestaram o seu desagrado em face dos destonchavos do idolo do mundo.



Uma cena do super-filme policial “Al Capone” (O Terror de Chicago), que a Companhia Cinematográfica vai distribuir, interpretado por Hans Rehmann (Al Capone) e Olga Tschekowa.

viagem de Charlot em volta do mundo. Que se passou? A coisa não é facil de explicar, mas vamos tentar fazê-lo. Para boa compreensão do caso, porem, é oportuno recordar que, por um lado, o japonês é o homem mais delicado do mundo, quero dizer que elle conservou um culto por todas as homenagens que os homens prestam uns aos outros, por todas as manifestações de civillidade que são indício de boa educação e duma nação civilizada; que, por outro lado, Charlot só costuma fazer o que lhe apetece, tratando os outros mortais como quantidades desprezíveis, ligando a uma entrevista, por exemplo, a importância que liga ao seu primeiro par de botões de punhos, e procede em toda a parte como um super-homem, mais próximo do céu do que da terra.

Estão ainda na memória de todos as suas questões com

Em Tokio e noutras cidades do Japão haviam organizado festas, recepções em honra de Charlot. Este prometeu assistir; mas, á última hora, ou porque fosse tomar banho, jogar o tenis ou partisse em busca duma parceira de kimono para o seu próximo filme, Charlot mandou tudo á tabua, convites, discursos e músicas. Noutros países, a imprensa não deixaria de se fazer intérprete do desagrado do público. Teriam ido apupar Charlot, fazer arruaca debaixo das suas janelas.

Mas, em Tokio, as coisas passam-se doutra forma. O ministro dos caminhos de ferro em pessoa foi ter com Charlie Chaplin e anunciou-lhe, após as saudações em uso e os tradicionais cumprimentos, que havia um bom comboio para S. Francisco e que o governo imperial punha á disposição do célebre mimico um vagão luxuoso. E Charlot partiu.»

Desembarcou ha pouco tempo do navio que o reconduzia de Nova-York. Vem mais magro que no ano passado, crestado pelo sol da Califórnia, e mais alegre, em melhor «forma» do que nunca.

— E' agradável tornar a ver Paris, — disse-me com um sorriso de satisfação —. A palavra «pátria» ainda tem, de facto, um sentido; quando me afasto por muitos meses, sinto que a França me faz uma falta enorme... No entanto, possuo em Hollywood excelentes amigos, americanos e franceses; sou ali sempre recebido com infinita cordealidade e gentileza e levo ali uma vida encantadora.

Em que consiste a vida «encantadora» de Hollywood? E' André Luguet que no lo vai dizer.

— Quando a gente não filma, — e isso acontece às vezes — joga o golf. O golf fortifica os músculos, sustenta a amizade e o bom-humor. Não seria capaz de dizer quantas dezenas de partidas de golf tenho jogado nos links de Hollywood, com os meus camaradas Charles Boyer e Maurice Chevallier. A' noite, sai-se pouco. Não ha vida nocturna, como em Paris. Mas recebem-se uns em casa dos outros, dança-se, joga-se o bridge. De manhã, ha o banho de sol, o banho de mar, o tenis.

— E quando filmam, visto que isso também deve acontecer algumas vezes?

— Pela minha parte, fui favorecido, porque trabalhei em numerosos filmes durante esta última permanência. Oh! quando se trabalha, a vida encantadora de Hollywood toma outra feição: erguer às seis horas da manhã, maquillagem, estúdio, lanche rápido, outra vez estúdio até á noite e um bom sono a-fim-de tornar o rosto fresco para o dia seguinte. Acredite-me ou não, como quiser: esta vida é mais agradável que a outra... No fundo, o homem não foi feito para a ociosidade.

Virtuosa declaração, que me incita imediatamente a pedir ao amável André Luguet que me conte o trabalho que fornecem em Hollywood.

— Trabalhei em muitos filmes em inglês, que não serão vistos aqui, porque nenhuma versão em francês foi prevista. E um filme francês, o «Brasseur d'affaires», cuja adaptação e uma parte da mise-en-scène fiz eu próprio. Afinal, como sabe, é muito mais divertido pôr em cena do que representar e, pelo menos, não ha necessidade de viver com a maquillagem no rosto... Verá nesse filme duas novas vedetas femininas que me orgulho de ter descobrido: a violoncelista Lucienne Radisse, que eu convenci a fazer cinema quando estava em tournée em Los Angeles, e cujos começos são muito animadores, e Janine Ferney, tam morena como Lucienne Rovine é loira, e cuja única ocupação, antes de entrar em experiências, era jogar o golf.

— Pelos vistos, o golf conduz a tudo! Mas não ha então outros filmes franceses na sua bagagem?

— Ora olça: não é mais lógico fazer filmes americanos quando se está na América, numa atmosfera yankee, e com realizadores de lá, e fazer em França os filmes destinados ao público francês? Nunca tive grande confiança nessas famosas «versões francesas», que não passavam dum pálido reflexo do original, bem como no processo dubbing, que me parece absolutamente anti-artístico... Fiquei encantado por trabalhar em França, durante a minha última permanência, nesse «Coeur de Lilas» que ainda não vi no ecran, mas de que os meus amigos me dizem bem. Por agora, vou descansar um pouco a preparar o meu regresso ao teatro. Está resolvido, em verdade, que criarei em setembro, numa cena parisiense, uma nova peça de Denys Amiel. Ha quasi dois anos que não subo ao palco, e isso faz-me falta. A presença do público, para um comediante, é uma coisa tam preciosa...

— E não é agradável também ir ver os próprios filmes?

— E' outra coisa... A gente fica furiosa com certos jógos de fisionomia que acha maus — eu sou sempre muito severo comigo-mesmo — e que já se não podem modificar. Mas quando uma pessoa, sentada na sala escura do cinema, espera ver-se aparecer no ecran, tem uma grande satisfação em pensar: «Esta noite tenho a certeza de não representar pior que nas outras noites e de não ter o trac!»

— Os americanos continuam a afluír ao cinema? Não ha crise no país do filme?

— Menos do que se diz. Mas ainda assim, as vedetas veem os seus salários reduzidos e grandes salas de cinema fecham as suas portas. O público, que outrora ia ver os filmes todas as noites — sim, todas as noites! — vai agora uma ou duas vezes por semana.

(Continua na página 15).

Dentro e Fora dos Estúdios

Ann Ondra começará interpretando este mês de Julho, em Munich, a nova fita «Kiki» para a casa alemã «Emelka» e a francesa «Vandor». Dêste filme serão feitas duas versões, uma francesa e outra alemã, ambas sob a direcção de Carl Lamac. Hermann Thimig será o primeiro actor da versão alemã, nada se sabendo ainda quanto à interpretação da versão francesa.

Marion Davies e Billie Dove no mesmo filme

A «M-G-M» decidiu incluir num mesmo filme, que ainda não tem título, mas que será dirigido por Edmund Goulding, as actrizes Marion Davies e Billie Dove, que pela primeira vez aparecem juntas. O argumento é original de Frances Marion, e Robert Montgomery será o primeiro actor.

A fita «O Congresso que Dança», que passou no «Rivoli», de Nova-York, em versão inglesa, exibiu-se depois em versão alemã, no «Little Carnegie» também de Nova-York.

Alfred Santell, o realizador da «Fox», a quem devemos «O Papá das Pernas Altas» e «De Corpo e Alma», terminou já para aquela casa a fita «Rebecca of Sunnybrook Farm», que estava destinada a Janet Gaynor mas que foi depois interpretada por Ma Ian Nixon.

Lita Grey divorciada de Charlie Chaplin, assinou um contrato com a «Fox», pela qual os seus dois filhos Charles Spencer Chaplin, de 7 anos, e Sidney Earl Chaplin, de 6, trabalharão para aquela casa por um período de 3 anos.

Um jornal de Viena deu a falsa notícia de que Greta Garbo se encontrava actualmente em Berlim, negociando um provável contrato com produtores alemães.

Ina Claire, cujo divórcio de John Gilbert está sendo aguardado, anulou, de comum acordo, o seu contrato com Samuel Goldwyn, e declarou à imprensa que ia voltar para o teatro.

Novo processo de vendas da «Western Electric»

Segundo o sr. C. W. Brunn, director geral das vendas da Electrical Research Products, declarou a um jornal americano, que metade das vendas actuais de aparelhos de reprodução «Western Electric» são feitas a uma base de percentagem sobre as receitas dos cinemas que os instalam.

Ann Dvorak e George Brent serão os protagonistas da fita da «Warner», «20.000 anos em Sing-Sing».

Constance Cummings, a estrela da «Columbia» que apenas conhecemos através de fotografias, vai interpretar para aquela casa «The Bitter Tea of General Yen», com Anna May Wong.

Dorothy Jordan assinou um novo contrato de longa duração com a «M-G-M», para cuja casa já interpretou «No Alegre Madrid», «Espada Errante», «The Call of the Flesh», «Love in the Rough», «Min and Bill», «A Tailor Made Man» e «Shipmates».

Roscoe Arbuckle, o «Fatty» de que se lembram todos os cinéfilos antigos, vai voltar ao cinema, interpretando séries de fitas de duas partes, para as comédias «Educational».

Charlie Chaplin regressa a Hollywood

Depois de prolongada ausência pela Europa e Ásia, Charlie Chaplin regressou a Hollywood no dia 15 de Junho. Declarou aos jornalistas que ia imediatamente trabalhar nos preparativos da sua próxima fita.

Mary Astor, esposa do Dr. Franklyn Thorpe, é a mãe duma rapariga nascida em meados de Junho findo, em Honolulu.

A cidade inglesa de Hastings proibiu a fita «Dr. Jekyll e Mr. Hyde», com Fredric March, da «Paramount».

A fita «Cimarron» ganhou a medalha de ouro da «Photoplay», como o melhor filme de 1931, segundo a votação dos



leitores daquela revista. «Cimarron» já havia ganhado o prémio de «Film Daily».

Roscoe Arbuckle («Fatty») casou no dia 21 de Junho, em Cleveland, com Addie McPhail.

O título «The Challenger», da nova fita de George Bancroft para a «Paramount», foi alterado para «Lady and Gent» (Senhora e Cavalheiro).

O marido de Gloria Swanson, Michael Farmer, indicado por sua esposa para o protagonista da fita «The Perfect Understanding» que ela está fazendo em Inglaterra, recusou o convite.

Jean Harlow vai casar

Jean Harlow, o «diabinho do céu» que todos nós vimos ha pouco em «Anjos do Inferno», vai casar com Paul Bert, super-visor da «M-G-M». Ainda não está fixada a data do casamento.

“Beija-me outra vez”

Opereta da “First National Pictures”

Realização de William A. Seiter.

Música de Victor Herbert.

Apresentada pela Companhia Cinematográfica de Portugal.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Bernice Claire, Edward Everett Horton,
Walter Pidgeon e June Collyer.

A R G U M E N T O



A «Maison Cecile», de Paris, é uma elegante casa de costura para senhoras, que Marie, filha do General de Villefranche, vem frequentando há tempos, a fim de adquirir o enxoval para o seu casamento com Paul de St. Cyr, filho de um íntimo amigo de seu pai.

Os dois jovens não se amam, mas não se atrevem a declarar os seus sentimentos aos autores dos seus dias, cuja austeridade os assusta. Ambos preferem sacrificar-se a arrostar com a cólera paterna. Marie ama Rene, com quem se encontra no Armazem, e Paul, por sua vez, adora Fifi, uma deliciosa empregada da «Maison Cecile», da qual pretende fazer uma cantora.

Um dia o general, desejando saber por que motivo a filha passa a maior parte do seu tempo na casa de modas, decidiu acompanhá-la. Sucede o inevitável. Rene é surpreendido pelo austero militar, que o força a retirar-se.

Emquanto isto sucede, Paul chega e entretém-se alegremente com a gentil Fifi, que lhe canta a sua canção de amor «Beija-me outra vez». Os dois jovens devem fugir nessa noite, desejosos de se entregarem inteiramente à paixão que os domina. Mas o pai de Paul, ao facto das intenções dos namorados, decide dar um passo desesperado para evitar o que considera uma desgraça para o filho. Vai procurar Fifi a casa e, brutalmente, oferece-lhe um cheque para que deixe o filho em sossego. Fifi, ferida no seu amor, recusa. Mas o seu interlocutor, vendo que não seguia por bom caminho, arrepia caminho e fere a corda sensível, fazendo ver à desolada rapariga que o seu casamento com Paul, dada a grande diferença de posições e de nascimento que os separa, é a ruína social deste.

A tática deu o desejado efeito. Fifi aceita como boa a argumentação do

pai do amado e promete fazer com que Paul a deteste, embora com isso tenha de sofrer a maior tortura da sua vida.

Quando Paul a vem buscar, Fifi recalca os ternos sentimentos do seu coração, esquece os doces sonhos de felicidade que havia formado na sua mente juvenil e, mostrando a Paul o cheque deixado pelo pai, diz-lhe que se vá, pois conseguiu o que desejava: vende-lo por bom preço.

Segue-se uma cena desoladora, após a qual o rapaz sai com o coração esmagado, convencido da infamia da mulher a quem amava. E Fifi, louca de desespero, rasga o cheque que lhe queima os dedos, entregando-se livremente à sua dor.

Paul e Rene vão para a Argélia com o seu regimento. Pela T. S. F., o desolado amante ouve Fifi cantar «Beija-me outra vez».

Fifi deixou a «Maison Cecile» e canta agora num café. O seu talento fa-la triunfar rapidamente e conquistar o interesse do público. Decorrido algum tempo, vai para a Itália, onde se converte numa famosa cantora de ópera. Convidam-na para um baile oferecido em sua honra, mas ela prefere aceitar o convite para um outro baile com que o conde de St. Cyr festeja o regresso de seu filho. O conde ignora a sua identidade. Está longe de supor que a famosa Bellini é a modesta Fifi de tempos antes.

Paul e Fifi unem-se de novo, mas esta recorda-se da promessa que fizera ao conde e pretende mais uma vez fazer calar a voz do coração. Sobre vem uma cena violenta. O conde reconhece-a e insulta-a. Paul corre em seu auxílio. E da violenta discussão resulta o jovem amante insurgir-se contra a autoridade do pai, que se vê por fim forçado a consentir no casamento, preferindo esta ligação legal à mancebia com que o filho o ameaça.

E para que todos tenham o seu quinhão de felicidade, nessa mesma ocasião o general descobre que sua filha Marie fugiu com Rene.

Projectos da «Fox»

Na sua produção de 1932-33, a «Fox» pensa incluir 17 a 20 fitas faladas em espanhol, das quais 3 com José Mojica e 2 com o actor brasileiro Raul Roulien, as quais serão produzidas nos estúdios de Western Avenue. As fitas em outras línguas, exceptuando as inglesas, serão feitas no estrangeiro.

Loiras e Loiras

por RACHEL BILAC

Será muito tarde para dizer que os homens preferem as loiras?!

Anita Loos, na sua famosa novela «Gentlemen Prefer Blondes», tocou no assunto de maneira algo forte. Revisando a lista das artistas dos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer», parece que o público em geral tem uma preferência pelas loiras.

Com Marion Davies, uma das mais encantadoras, está um grupo de loiras. Além de constituírem quando juntas um quadro de beleza como uma pintura a pastel, oferecem bastante variedade de tipos para os diferentes papéis.

Podemos classificar Miss Davies como uma «loira radiante de sol», pois toda ela irradia beleza e felicidade. Os cabelos curtos emolduram em espirais dourados todo o rosto, no qual se destacam os sorridentes olhos azues, um delgado e esculpido nariz e uma boca de dentes de marfim.

Miss Davies possui um bom humor cheio de perspicácia, o qual lhe tem grangeado grandes triunfos em muitos dos seus filmes.

Leila Hyams representa o tipo mais sério de loira. Apesar de ter um gênio amável e expansivo, possui uma certa reserva que lhe dá uma aparência de atraente dignidade. Actualmente Miss Hyams usa o cabelo cortado e encaracolado, bem justo à cabeça. Conserva o assim durante os meses de verão e toma diariamente um banho de mar na praia de Malibu, onde reside.

Outro tipo de loira é o de Anita Page. É a loira cuja meiguice seduz à primeira vista. Apesar da sua beleza não ser arrebatadora, é deliciosamente feminina e impressiona pela doçura que se desprende de toda a sua pessoa. Anita impõe-se, pela vivacidade e frescura de todos os seus papéis.

Encanto e inteligência reflectem-se na beleza loira de Karen Morley. Quando se estabelece contacto com ela pela primeira vez, fica-se imediatamente impressionado com a sua franqueza e o seu modo de pensar. É quasi tímida antes de começar a falar, e encara todas as coisas com calma, o que demonstra que sabe dominar-se e controlar os seus actos e atitudes.

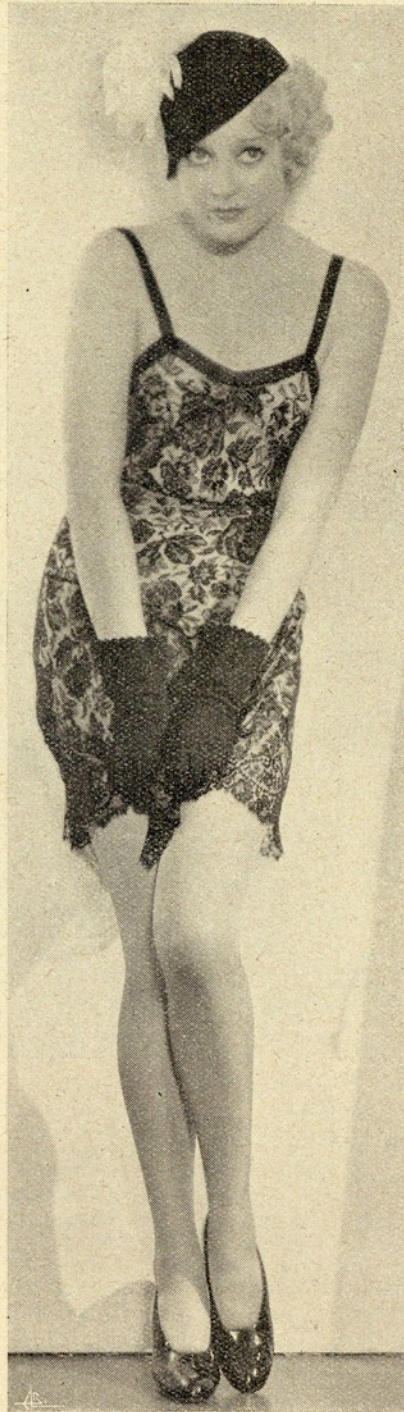
Una Merkel devia ser classificada como um «tipo caloroso» de loira. Tem todas as qualidades de beleza. Fala devagar, com uma voz encantadora. Tem os cabelos loiros acinzentados, e mesmo quando está séria, os seus olhos sorriem e brilham. À primeira vista parece um pouco leviana, mas imediatamente se descobre que sob a leveza da sua alma existe uma sedutora sinceridade.

Entre as novas artistas recém-chegadas a Hollywood, que estão procurando fazer nome no cinema, conta-se Virginia Bruce, a qual segue rapidamente o exemplo das veteranas e está sendo escolhida para interpretar papéis importantes.

Miss Bruce, que antes de vir a Hollywood fazia parte das coristas do «Zieg-

feld», é um pouco mais alta que as «leading ladies» da telenovela. Tem uns olhos do azul do mar, é elegante, usa o longo cabelo cor de ouro enrolado e bem ajustado à cabeça e possui uma beleza etérea, respirando placidez.

Joan Marsh, Mary Carlisle e Ruth Selwyn são artistas de cabelos de ouro



Se não fosse o penacho do chapéu, Thelma Todd, a linda loiríssima da «M-G-M» estaria perfeitamente à moda. Assim...

que veem alcançando êxito e impondo-se de dia para dia. São muito jovens e irradiam o entusiasmo ardente que somente

a juventude pôde demonstrar na telenovela. Apesar das suas naturezas serem inteiramente diferentes, todas fazem parte da grande família das «ingénuas».

Como dissemos no princípio deste artigo, «os homens preferem as loiras...» e o director do departamento de elencos não constitui excepção... Dá ao público o que o público quere!



Quais são as «estrelas» de maior atracção para a bilheteira?

A revista americana Motion Picture Herald abriu um inquerito entre 12.000 exibidores americanos, perguntando-lhes quais eram os 10 artistas cujos filmes exibidos desde Setembro de 1931 até agora chamaram mais concorrência aos seus cinemas. As respostas recebidas apresentam os seguintes resultados:

- Marie Dressler, «M-G-M».
- Janet Gaynor, «Fox».
- Joan Crawford, «M-G-M».
- Wallace Beery, «M-G-M».
- Greta Garbo, «M-G-M».
- Will Rogers, «Fox».
- Charles Farrell, «Fox».
- Norma Shearer, «M-G-M».
- Clark Gable, «M-G-M».
- Wheeler & Woolsey, «RKO».

É curioso notar que, de entre os 10 artistas que chamaram maior concorrência aos cinemas americanos, 6 são da «Metro-Goldwyn-Mayer». Também não é menos curioso o facto de Marie Dressler ter batido todas as outras actrizes americanas e de Joan Crawford se apresentar vitoriosa sobre Greta Garbo.



Um filme de Albert Préjean para a «Ufa»

«Rivals da Estrada», é o titulo do filme que a «Ufa» está fazendo com Albert Préjean, emprestado aquela casa pela marca francesa «Osso». Trata-se dum filme desportivo, sobre o ciclismo e é realizado por Serge de Poligny, figurando entre os interpretes Madeline Guitty, Jim Gérard, Georges Collin, Jean Mercanton, Suzette Mafis, Fernand Fabre, Bill-Bocket e os ciclistas Brunier e Marcellac.

O CINEMA «BATALHA»
DÁ O DESCONTO DE 50
%. AOS LEITORES DESTA
REVISTA CONTRA A
APRESENTAÇÃO DA SE-
NHA NA «SOIRÉE» DE
SABADO



Doidos por loiras... vão ficar todos os leitores, ao contemplarem esta variegada «corbeille»! Ora apreciem: No centro Marion Davies, rodeada por Leila Hyams, Karen Morley, Anita Page, Ruth Selwyn, Una Merkel, Mary Carlisle, Joan Marsh e Virginia Bruce, todas da «M-G-M».

Pelos nossos Cinemas

A V I S O

O TIO SAM NA CORTE DO REI ARTUR (A Connecticut Yankee): — Vários artistas cómicos teem já utilizado o anacronismo como um dos mais seguros agentes provocadores de gargalhadas. Com efeito, o mais hipondriaco e sorumbático dos mortais não resistirá a uma conversa telefónica entre Marco Antonio e Cleopatra, ou a um polícia sinaleiro, de *casse-tête* e relógio de pulso, dirigindo o tráfego das quadrigas na antiga Roma...

Larry Semon deu-nos, ha anos, uma fita magnífica do género, Buster Keaton seguiu-lhe o exemplo em «As 3 idades» e muitos outros teem aproveitado, com resultados certos, o *gag* anacrónico.

«O Tio Sam na Corte do Rei Artur» é uma história disparatada, disparate do escritor americano Mark Twain, a que se pode, com certa generosidade, chamar fantasia, que vive inteiramente do anacronismo e consegue, por isso, situações de boa graça.

Will Rogers, que possui grande cotação na América, mas que entre nós é quasi desconhecido — ha que anos que não aparece um filme de Will Rogers! — faz o seu *yankee* com naturalidade, sem ter, no entanto, um trabalho excepcional que possa fazer valer, aos nossos olhos, os créditos de que goza na sua terra. Maureen O'Sullivan, Myrna Loy e William Farnum completam a interpretação.

«O Tio Sam na Corte do Rei Artur» é uma fita engraçada, com quadros de certo aparato cénico, com momentos de boa imaginação cómica, que as legendas por vezes mais salientam. Vê-se num sorriso.

Autor: Mark Twain — «A Connecticut Yankee in King Arthur's Courts». Cenarista: William Conselman. Realizador: David Butler. Intérpretes: Hank (Sir Boss), Will Rogers; Rei Artur, William Farnum; Alisand, Maureen O'Sullivan; Clarence, Frank Albertson; Rainha Morgan Le Fay, Myrna Loy; Sagamor, Mitchell Harris; Merlin, Brandon Hurst.

Produzida em 1931 pela «Fox». Programa Comp. Cinematográfica de Portugal — ecção «Fox». Estreada no «Águia d'Ouro» em 4 Julho 1932.

NOITES DE VIENA (Viennese Nights): — Os filmes-operetas a sério, sem a fantasia que lhes emprestaram os realizadores germânicos («O Caminho do Paraíso», «O Congresso que Dança»), numa utilização inteligente das possibilidades do sonoro, ou sem a imaginação espirituosa dum Lubitsch («A Parada do Amor», «Monte-Carlo»), só podem triunfar se essa fantasia e essa imaginação foram substituídas por grandiosidade de *mise-en-scène*, no sentido teatral da palavra, por exuberância decorativa ou riqueza e luxo da sua produção («Rio Rita», «Não, Não, Nanette»). De contrário, o filme cai na representação teatral, e por muito bonita que seja a musica, e por muito bem que cantem os protagonistas, à generalidade do público dos cinemas o filme não pôde satisfazer, e só um ou outro aficionado da música, à falta de operetas *em carne e osso*, poderá vê-lo com agrado no cinema.

«Noites de Viena» está neste caso. Nem a musica de Sigmund Romberg,

nem vozes de Vivienne Segal e Alexander Gray conseguem suprir a falta de ideia, as deficiências do cenário e da direcção, que accentuam no filme todas as características de espectáculo teatral, difficilmente suportável.

E ainda por cima, o defeito muito grande, enorme, de ser apresentada uma copia a preto e branco, quando originalmente o filme é todo ténicoolorido. De modo que os vestuários, as decorações, a maquilhagem aparecem-nos irregulares, confusos, esfuminhados, sem relêvo, porque, é claro, foram preparados para serem filmados e reproduzidos em colorido, e nunca a preto e branco.

Autor: Oscar Hammerstein II. Autor musical: Sigmund Romberg. Realizador: Alan Crossland. Intérpretes: Elsa, Vivienne Segal; Otto, Alexander Gray; Hoher, Jean Hersholt; Franz, Walter Pidgeon; Grell, Louise Fazenda; Barbara, Alice Day; Gus, Bert Roach; Mary, June Purcell; Bill, Milton Douglas.

Produzida em 1930 pela «Warner Brothers». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «São João» em 4 Julho 1932.

A MILICIA DA PAZ (Reserve hat Ruh): — Uma *charge* bem idealizada à vida dos reservistas alemães, com as suas perpécias amorosas, as suas brincadeiras de caserna, com as pretensões dos oficiais, com o ridículo muito grande que nos mostram os individuos das mais diversas esferas sociais envergando o mesmo desajeitado fardamento...



Uma cena da deliciosa opereta «Beija-me outra vez», que o «Trindade» estreará no próximo dia 12.

Max Obal realizou um filme sem aspirações cinegráficas. Contou-nos a história do Dr. Breitner e de Zapp, personagens que são caricaturas suficientes para darem às imagens as qualidades burlescas necessárias para fazer rir o público — sem outra qualquer preocupação. Conseguiu-o amplamente.

As poucas legendas do filme, traduzidas com espirito, são uma amostra do que não será a graça do diálogo em

No principio da publicação do jornal «Cinema» anunciamos que este não sairia nos meses de Julho e Agosto. Na morte saíam, quando os cinemas estão vazios, os anunciantes rareiam e os leitores só pensam no marismo, seria uma crueldade obrigar o nosso pessoal a manter-se no seu posto, só para que «Cinema» não deixasse de publicar-se.

Como o nosso director e os nossos redactores querem — e bem precisam, coitaditos! — aproveitar estas semanas de calor, em que não ha «Nada de Novo na Frente Cinegráfica», esta revista passa a sair de 15 em 15 dias, durante o resto do corrente mês de Julho e uma vez em cada um dos meses de Agosto e Setembro (no primeiro sábado de cada mês) isto com bastante sacrificio nosso, e só para que os mal intencionados não digam que acabamos com a publicação de «Cinema», se a suspendermos inteiramente em Julho e Agosto, como era de nossas tenções.

O que não evita que o «Eu Sei Tudo» já esteja protestando, por ter que ir descansar... às prestações!...

Para que os leitores que costumam utilizar-se dos nossos «bonus» não fiquem prejudicados, a senha do presente número dá direito aos espectáculos habituais — *matinées* e *soirées* — de duas semanas.

alemão; com mais algumas legendas o filme seria beneficiado e evitar-se-ia uma sucessão de frases e de imagens cujo efeito cómico não se chega a compreender.

Paul Horbiger revelou-se um bom actor cómico na composição notável do homem de ciência, e Fritz Kammers, que todos bem conhecemos como categorizado actor do cinema alemão, e, no recruta Zapp, um dos principais intérpretes, cujo trio é completado com o desempenho magnifico da característica cómica de Senta Soeneland.

«Milicia da Paz» leva-nos a rir. E é só!

Autores: B. E. Luethige e Karl Noti. Fotografos: Guido Seebler e Hugo von Kaweczynski. Decorador: Jack Rotmil. Director de som: Emil Specht. Realizador: Max Obal. Intérpretes: Dr. Egon Breitner, Paul Hoerbiger, Paule Zapp, Fritz Kammers; A governanta do Dr. Senta Soeneland; Capitão Sauer, Albert Paulig; Lotte Fiedler, Claire Rommer; Seu pai, E. A. Licho. Aenne Schultz, Lucie English; Eva, sua amiga, Lotte Steinhoff; Arthur Dreyer, estudante, Jack Mylong-Muenz.

Produzida em 1931 pela A.A.F.A. Programa Comp. Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Trindade» em 5 Julho 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Efemérides da semana

De 9 a 15 de Julho

- Julho 9 (1920) — Estreia-se no «Condes», de Lisboa, a fita «Idealista», da «Goldwyn», com Tom Moore e Mabel Normand.
11 (1930) — O rei de Espanha nomeia Raquel Meller comendador da Ordem Real de Afonso XII.
12 (1920) — Estreia-se no Central, de Lisboa, a fita «Elmo, o Poderoso», em 18 episódios, com Elmo Lincoln e Grace Cunard.
15 (1909) — Nasce em México City, México, a actriz Mona Ricco.

Nesta semana fazem anos :

De 9 a 15 de Julho

- Julho 10 — Joan Marsh.
11 — Sally Blane (22).
12 — Pauline Frederick (58).
12 — Jean Hersholt.
12 — Tod Browning, realizador.
13 — Lucien Prival.
13 — Olive Borden.
15 — Raymond Hackett.
15 — Mona Ricco.

Jack Oakie é um rapaz alegre, cheio de bom humor e de ilusões

(Continuação da página 4)

nette MacDonald e na de Dorothy MacKail. Nós chamamos-lhes «As três irmãs Brox». Minha mãe tem mais senso comum do que o que reputo necessário e ninguém pôde compreender como cometeu a loucura de me dar à luz. Ainda bem que nunca se queixa do seu erro. Vive-mos numa pequena propriedade na montanha e posso assegurar a todos os que se interessem por o saber que somos imensamente felizes. Espero casar-me e ter família daqui por alguns anos, mas não já. E vou explicar a razão. Minha mãe não se queixa quando me vê chegar mal disposto do estúdio, e se alguma vez me permito barafustar e fazer má cara, ela sabe chamar-me à razão e fazer-me calar sem violência. Mas que outra mulher aguentaria o Jack Oakie de hoje? Suponho que nenhuma, e por isso não me arisco.»

Mary Brian, Gwen Lee e Joan Marsh são as raparigas que repartem as predilecções de Jack. Ha pouco correu o boato de um «compromisso formal» entre Gwen e êle, mas o certo é que o rapaz demonstra mais constância em sair com Mary, embora ria com mais frequência quando sai com Joan.

MARGARET REID.

«Grande Hotel» o filme das estrelas

(Continuação da página 8)

Mary Dressler, que não consentira nunca em adornar-se com o título de «estrêla», pediu que lhe dessem o papel da criada de quarto de Garbo, simplesmente para figurar no filme. Mas a «M-G-M» não quis que ela desempenhasse personagem tão insignificante.

Foi também pronunciado o nome de John Gilbert, mas sabe-se que o boato de

Garbo lhe tirou essa possibilidade de regressar ao êxito.

Desta forma «Grande Hotel», que reúne alguns nomes célebres, constitui uma mais fiel imagem da vida do que tinham calculado os realizadores. Cada um deles, de facto, além do papel que desempenha no cenário, desempenha outro bem mais patético: o que consiste em manter a supremacia tão difficilmente conquistada e mais difficil talvez de conservar...

André Luguet regressa à França

(Continuação da página 9)

A produção, contudo, não diminui, e, facto digno de nota, os autores estrangeiros são sempre bem acolhidos em Hollywood. Não imagina o êxito que tem na América esses nossos dois homens: Maurice Chevalier e Charles Boyer.

Maurice Chevalier, Charles Boyer, André Luguet... chamam-lhes, ao que parece, os «três mosqueteiros». Confessemos que o filme francês difficilmente poderia estar melhor representado.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EXITO ABSOLUTO DO SUPER-FILME

Uma Noite de Rusga

Falado e cantado em fancês com os excelentes artistas

Albert Préjean, Annabella e Lucien Baroux

Terça-feira — Um programa sensacional do qual faz parte o magnifico filme de costumes espanhois

ALMA ANDALUZA

Sexta-feira — Um programa magistral

NADA DE TIROS, com Tom Mix e AMOR ROUBADO, com José Mojica

PREÇOS POPULARES
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 25

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.


Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA,,

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quintas, 14 e 21 e Sábados, 16 e 23 de Julho
OLYMPIA — Matinéas de Quintas, 14 e 21 e Sábados, 16 e 23 de Julho
BATALHA — Matinéas de Quintas, 14 e 21 e Soirées de Sábados, 16 e 23 de Julho. — CINE-ODEON — Soirées de Sábados, 14 e 21 de Julho

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

C
I
N
E
M
A
15



CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresenta na terça-feira, 19 de Julho, no
SALÃO-JARDIM DA TRINDADE
o magnifico filme-opereta alemão

A Valsa dos Corações

(ZWEI HERZEN AM 3/4 TAKT)

com a linda actriz **Gretl Theimer** e os excelentes
actores **Oskar Karlweiss** e **Walter Janssen**



UM FILME ENCANTADOR
COM MUSICA DELICIOSA